

Ele estava tão empenhado em construir frases que quase se esquecera dos dias bárbaros, quando pensar era como um pouco de cor a aterrar numa página.

— EDWARD ST. AUBYN, *Mother's Milk*

UM

AO LARGO DE DIAMOND HEAD

Honolulu, 1966–1967

Nunca pensei em mim próprio como sendo uma criança protegida. Ainda assim, a Kaimuki Intermediate School¹ foi um choque. Tínhamos acabado de nos mudar para Honolulu, eu estava no oitavo ano, e a maioria dos meus colegas de escola eram «viciados em drogas, cheiradores de cola e miúdos do gueto» — ou pelo menos foi o que escrevi numa carta a um amigo de Los Angeles. Mas era mentira. A verdade era que os *haoles* (pessoas brancas; eu era uma delas) eram uma minúscula e pouco popular minoria em Kaimuki. Os «nativos», como eu lhes chamava, pareciam não gostar particularmente de nós. Isso era inquietante, porque a maioria dos havaianos eram, para miúdos do básico, assustadoramente grandes, e corria o boato de que eles gostavam de lutar. Os «orientais» — novamente, palavras minhas — eram o maior grupo étnico da escola. Nessas primeiras semanas, não conseguia distinguir entre miúdos japoneses, chineses e coreanos; eram todos orientais para mim. De igual modo, também não me apercebi da existência de outras tribos importantes, tais como os filipinos, os samoanos ou os portugueses (não eram considerados *haoles*), muito menos de todos os miúdos de ascendência mista. Provavelmente, até pensei que o miúdo enorme que se interessou por mim de forma sádica na oficina de carpintaria era havaiano.

Ele usava sapatos pretos brilhantes, com biqueira pontiaguda, calças justas e camisas floridas de cores garridas. O seu cabelo encrespado

¹ Escola Intermédia, antes do liceu. Consoante os Estados dos EUA, pode variar o número de anos. As combinações, contudo, estão normalmente entre o 5.º e o 8.º anos. [N. do T.]

estava penteado com uma popa e parecia que fazia a barba desde que nascera. Raramente falava, e quando o fazia era num *pidgin* incompreensível para mim. Era uma espécie de mafioso júnior, claramente anos atrás da sua turma original, e interessado apenas em passar o tempo até ter idade para desistir da escola. Chamava-se Freitas — nunca ouvi um primeiro nome —, mas parecia não ter relação alguma com o clã Freitas, uma enorme família com um número considerável de rapazes violentos na Kaimuki Intermediate. O pontiagudo Freitas estudou-me abertamente durante alguns dias, deixando-me cada vez mais nervoso e, depois, lançou pequenas investidas ao meu autocontrolo, com pequenos encontrões no meu cotovelo, por exemplo, quando eu estava concentrado a cortar com uma serra material para a minha caixa de engraxador semiconstruída.

Eu estava demasiado assustado para dizer o que quer que fosse, e ele nunca me dirigiu uma palavra. Isso parecia ser parte do gozo. Por fim, fixou-se num divertimento cruel, mas engenhoso, para passar o tempo em que tinha de ficar sentado na sala de aula da oficina. Sentava-se atrás de mim e, sempre que o professor virava as costas, começava a bater-me na cabeça com uma ripa de madeira. *Bonk... bonk... bonk...* Era um bom ritmo, constante, sempre com pausa suficiente entre as pancadas para me dar esperança de que talvez não houvesse a seguinte. Não conseguia perceber como é que o professor não ouvia aqueles retumbantes barulhos não autorizados. Eram suficientemente altos para atrair a atenção do resto da turma, que olhava com fascínio o pequeno ritual de Freitas. Dentro da minha cabeça, claro, os *bonks* eram como bombas. Freitas usava uma tábua relativamente comprida — entre 1,5 e 1,8 metros — e nunca me dava com muita força, o que lhe permitia bater-me a seu bel-prazer sem deixar marcas e fazê-lo a uma distância tranquila, quase meditativa, o que, imagino, tornava tudo ainda mais fascinante.

Eu perguntava-me se, caso fosse outro miúdo qualquer o alvo, seria tão passivo como os meus colegas de turma. Provavelmente, sim. O professor estava perdido no seu mundo, concentrado apenas nas suas serras. Eu não fiz nada para me defender. E, não obstante ter percebido que Freitas não era havaiano, compreendi que tinha de aceitar o abuso. Afinal, eu era um *haole* magrinho e sem amigos.

Os meus pais tinham decido mandar-me para a Kaimuki Intermediate com base, percebi mais tarde, numa confusão. Estávamos em 1966, e o sistema de ensino público na Califórnia, em particular nos subúrbios de classe média em que tínhamos vivido, estava entre os melhores do país.

Todas as famílias que conhecíamos nunca sequer tinham pensado em ter os filhos em escolas privadas. As escolas públicas no Havai eram outra coisa — empobrecidas, desenhadas no tempo do colonialismo, das plantações e das missões, e academicamente muito abaixo da média americana.

Ninguém diria isso se olhasse para a escola primária que os meus irmãos mais novos frequentavam (Kevin tinha nove anos, Colleen, sete. Michael tinha três e, naqueles dias antes da pré-primária, estava isento de uma educação formal). Tínhamos alugado uma casa mesmo à beira de uma zona rica chamada Kahala, e a primária de Kahala era um pequeno paraíso, bem financiado, de educação progressista. Tirando o facto de as crianças poderem ir para a escola descalças — um extraordinário exemplo da permissividade tropical, pensávamos —, a primária de Kahala podia muito bem estar numa zona simpática de Santa Mónica. Curiosamente, Kahala não tinha uma escola secundária, isto porque todas as famílias da zona que podiam mandavam os filhos para as escolas secundárias privadas onde, durante gerações, tinha sido educada a classe média de Honolulu (e de grande parte do resto do Havai), bem como os tipos mais ricos.

Sem terem qualquer ideia disto, os meus pais mandaram-me para a secundária que ficava mais perto de casa, na zona operária de Kaimuki, atrás da cratera de Diamond Head, onde, pensavam eles, eu estava a frequentar normalmente o oitavo ano, mas onde, na verdade, eu estava quase inteiramente ocupado a lidar com *bullies*, com a solidão, com as lutas, e a tentar encontrar o meu caminho após uma vida inteira de branco inconsciente nos subúrbios segregados da Califórnia, num mundo dividido por raças. Até as minhas aulas pareciam racialmente preparadas. Nas matérias académicas, pelo menos, os alunos eram escolhidos, com base no resultado dos testes, para integrar um grupo que passava de professor para professor. Eu fui colocado num dos grupos mais avançados e quase todos os meus colegas eram raparigas japonesas. Não havia havaianos, nem samoanos, nem filipinos, e as aulas propriamente ditas, muito formais e nada exigentes, aborreciam-me de uma forma que a escola nunca antes me tinha aborrecido. Eu parecia não existir socialmente para os meus colegas, o que também não ajudava. E então passava as aulas enfiado nas últimas filas, a olhar para as árvores lá fora à procura de sinais da direcção e força do vento e a desenhar páginas atrás de páginas de pranchas de *surfe* e ondas.

Eu já surfava há cerca de três anos quando o meu pai aceitou o emprego que nos levou ao Havai. Ele tinha trabalhado, quase sempre como diretor adjunto, em séries de televisão — *Dr. Kildare*, *The Man from U.N.C.L.E.* Agora, era produtor executivo de uma nova série, um espetáculo de variedades musicais de meia hora com base num programa de rádio local, *Hawaii Calls*. A ideia era filmar Don Ho a cantar num barco com fundo transparente, uma banda calipso a tocar numa cascata, raparigas a dançar o *hula* enquanto um vulcão expelia, e chamar a isso um programa.

— Não será a hora de entretenimento amador havaiano — disse o meu pai —, mas andaré perto.

— Se for mesmo mau, vamos fingir que não te conhecemos — disse a minha mãe. — Bill *quê?*

O orçamento para mudar a família para o Havai era curto, pelo menos a avaliar pela minúscula casa que alugámos (eu e Kevin dormíamos à vez no sofá) e pelo ferrugento *Ford* que comprámos para nos deslocarmos pela cidade. Mas a cabana era perto da praia — mesmo ao cimo de uma estrada onde se alinhavam outras cabanas, numa rua chamada Kulamanu — e o tempo, que era quente mesmo em janeiro, quando chegámos, pareceu um lascivo luxo.

Eu não cabia em mim de excitação só por estar no Havai. Todos os surfistas, todos os que liam revistas de *surf* — e eu tinha memorizado quase todas as linhas, todas as legendas, de todas as revistas de *surf* que possuía — passavam a parte mais importante das suas vidas imaginárias, de uma maneira ou de outra, no Havai. E eu agora estava lá, a caminhar na verdadeira areia havaiana (áspera e com um cheiro esquisito), a sentir o sabor da água do mar havaiano (quente, com um cheiro esquisito) e a remar para as ondas havaianas (pequenas, escuras e afetadas pelo vento).

Nada era como eu esperava. Nas revistas, as ondas havaianas eram grandes e, nas imagens a cores, variavam entre o azul do oceano e um turquesa pálido quase impossível. O vento estava sempre *offshore* (a soprar da terra para o mar, ideal para fazer *surf*), e os picos eram como um recreio olímpico para os deuses: Sunset Beach, Banzai Pipeline, Makaha, Ala Moana, Waimea Bay.

Tudo isso parecia a um mundo de distância do mar diante da nossa casa. Até Waikiki, conhecida pelas suas ondas para iniciantes e *crowds*² de

² Grande número de surfistas na água. [N. do T.]

turistas, se situava no lado mais distante de Diamond Head — o glamoroso e icônico lado ocidental —, bem como qualquer parte de Honolulu de que alguém pudesse ter ouvido falar. Nós estávamos no lado sudeste, enfiados num pequeno vale a oeste de Black Point. A praia era apenas um depósito de areia, estreito e vazio.

Na tarde do dia em que chegámos, na minha primeira investida frenética no mar, achei a zona de *surf* confusa. As ondas quebravam aqui e ali ao longo de um recife distante, com pedras expostas e cobertas de algas. Eu estava preocupado com o coral; era perigosamente afiado. Então reparei, bem para o lado oeste e bem longe no mar, num grupo de silhuetas, que apareciam e caíam, iluminadas pelo sol da tarde. Surfistas. Corri de volta pela estrada. Toda a gente em casa estava ocupada a abrir as malas e a lutar pelas camas. Vesti um par de calções, agarrei na minha prancha e saí sem dizer uma palavra.

Remei, durante meia hora, por uma lagoa rasa, sempre junto à terra. As casas de praia acabaram e deram lugar à inclinada face de Diamond Head, coberta de arbustos. Depois, o recife que estava à minha esquerda acabou, revelando um enorme canal — água profunda, onde as ondas não rebentam — e, para lá desse canal, dez ou doze surfistas a surfar ondas escuras, à altura do peito, com um vento moderado *onshore*. Remei devagar até ao *lineup* — a zona onde se apanham as ondas — e fiz um percurso mais longo, de modo a estudar cada onda surriada. Os surfistas eram bons. Tinham todos um estilo suave, sem exageros. Ninguém caía. E ninguém, abençoadamente, parecia reparar em mim.

Dei a volta e depois rumei a uma zona deserta do *lineup*. Havia muitas ondas. Os *takeoffs* eram atabalhoados, mas fáceis. Deixei a memória muscular dominar-me e apanhei um par de ondas pequenas e brandas pela direita. As ondas eram diferentes — mas não muito — das ondas que conhecia na Califórnia. Eram irregulares, mas não intimidantes. Dava para ver o coral no fundo, mas, tirando uma ou outra rocha exposta mais no *inside* (perto de terra), nada de muito pontiagudo.

Havia muita conversa e riso entre os outros surfistas. Tentei ouvir, mas não percebi uma palavra sequer. Provavelmente estariam a falar *pidgin*. Tinha lido sobre o *pidgin* no livro *Hawaii*, de James Michener, mas, com a minha estreia no Kaimuki Intermediate ainda a um dia de distância, nunca tinha ouvido. Ou talvez fosse alguma língua estrangeira. Eu era o único *haole* (outra palavra de Michener) na água.

A dado momento, um rapaz mais velho que passou a remar por mim apontou para o mar e disse:

— *Outside.*

Foi a única palavra que me foi dirigida nesse dia. E ele tinha razão: aproximava-se um *set* no *outside*, o maior da tarde, e eu estava grato por me terem avisado.

À medida que o sol se ia pondo, o *crowd* diminuiu. Tentei perceber para onde iam as pessoas. A maioria parecia tomar um caminho por Diamond Head acima, até à estrada, com as suas pranchas pálidas carregadas sobre a cabeça, quilha para a frente, através dos *switchbacks*. Apanhei uma última onda, surrei até à zona mais rasa e comecei a longa remada de volta pela lagoa. As casas já tinham a luzes acesas. O ar estava mais fresco, e havia sombras azul-escuras debaixo dos coqueiros ao longo da praia. Eu estava maravilhado com a minha boa sorte. Só queria ter alguém a quem contar: *Estou no Havai, a surfar no Havai*. Depois ocorreu-me que nem sequer sabia o nome do sítio onde tinha estado a surfar.

Chamava-se Cliffs. Era uma espécie de manta de retalhos de recifes que se estendia por oitocentos metros para sul e para oeste do canal onde tinha remado pela primeira vez. Para se aprender algo acerca de um novo *spot* de *surf*, é preciso avaliar todo o conhecimento que temos de todos os outros *spots* — todas aquelas ondas que aprendemos a ler. Mas, naquela altura, o meu arquivo completo constava de dez ou quinze *spots* na Califórnia, e só conhecia realmente bem um deles: uma praia de seixos em Ventura. E nada dessa experiência me preparou especialmente bem para Cliffs, onde, depois daquela sessão inicial, tentei surfar duas vezes por dia.

Era um *spot* verdadeiramente consistente, no sentido de que havia quase sempre ondas para surfar, mesmo durante o período que, fiquei a saber depois, era fora de época na costa sul de Oahu. Os recifes ao largo de Diamond Head estão na extremidade sul da ilha, e por isso apanham qualquer resto de ondulação que passe. Mas também apanham muito vento, incluindo aquele gerado pelas encostas da cratera, e o vento, juntamente com o ziguezaguear do recife que se vai expandindo e das ondulações que chegam das mais variadas direções da bússola, combinam-se para produzir condições sempre em mudança que, num paradoxo de que não gostei nada na altura, resultava numa errante refutação da ideia de consistência a cada hora. Cliffs possuía uma complexidade temperamental muito para lá de tudo o que eu conhecia.



Percurso para o mar, casa em Kulamanu, 1966

As manhãs eram particularmente confusas. Para conseguir encaixar uma sessão de *surf* antes da escola, tinha de estar na água antes do nascer do dia. Na minha curta experiência como surfista, o mar devia estar *glass*³ ao amanhecer. Na costa da Califórnia, pelo menos, as manhãs raramente têm vento. Aparentemente, nos trópicos não era bem assim; em Cliffs, certamente não era. Ao amanhecer, os ventos alísios sopravam com força. As folhas das palmeiras chocavam umas com as outras enquanto caminhava pela estrada, prancha encerada por cima da cabeça, e da praia conseguia ver pequenas ondas brancas lá longe, para lá do recife, a rebentarem de este para oeste no oceano azul. Os ventos pressupunha-se serem de nordeste, o que não era uma má direção, em teoria, para uma costa virada a sul, mas de alguma forma estavam sempre *sideshore* em Cliffs, e com força suficiente para estragar todos os *spots* daquele lado.

No entanto, aquele sítio possuía uma resiliência que permitia que ficasse surfável, pelo menos, para os meus objetivos, mesmo nessas condições difíceis. Quase mais ninguém surfava de manhã cedo, o que me parecia uma boa oportunidade para explorar a principal zona de *takeoff*.

³ *Glass* é um termo que descreve a água do mar como um espelho, lisa, sedosa, típica dos dias em que não há vento nenhum. [N. do T.]

Comecei a aprender quais eram as secções mais complicadas, rápidas e rasas, e as zonas mais suaves, onde era preciso um *cutback* rápido para continuar na onda. Mesmo num dia com ondas pela cintura e com o vento demasiado forte, era possível encontrar algumas ondas longas que, com algum improvisado, eram verdadeiramente satisfatórias. O recife tinha mil e uma particularidades, que mudavam rapidamente com a maré. E quando a cor da água no canal começava a mudar para um cremoso azul-turquesa — uma cor não muito diferente das cores daquelas ondas de sonho que apareciam nas revistas — significava, acabei por perceber, que o sol se elevara até àquele ponto em que eu deveria regressar para tomar o pequeno-almoço. Se a maré estivesse demasiado vazia, deixando a lagoa demasiado rasa para remar, aprendi que tinha de me dar mais tempo para chegar a casa através da areia macia e esforçar-me para manter o *nose* da prancha virado para o vento.

À tarde, a situação era diferente. O vento era normalmente mais fraco, o mar menos revoltado, e havia outras pessoas a surfar. Cliffs tinha um grupo de locais frequente e, ao fim de algum tempo, já conseguia reconhecer alguns. Nos *spots* do continente que conhecia, havia normalmente um número limitado de ondas, uma luta permanente por posicionamento e uma espécie de regra de prioridade altamente respeitada. Um miúdo, em especial um sem nenhum aliado, como um irmão mais velho, tinha de ter muito cuidado para não se atravessar, mesmo inadvertidamente, à frente de um dos locais. Mas em Cliffs havia tanto espaço para as pessoas se espalharem, tantos picos a rebentar sem ninguém a oeste do pico principal — ou, se estivéssemos atentos, talvez até na plataforma do *inside* que tinha começado a rebentar —, cujas margens me senti livre para explorar. Ninguém me incomodava, ninguém me olhava de lado. Era o contrário da minha vida na escola.

O meu programa de orientação na escola incluía uma série de lutas, algumas delas com marcação formal. Havia um cemitério ao lado da escola, com um tapete de relva escondido a um canto onde os miúdos iam acertar contas. Foi lá que dei por mim a enfrentar vários miúdos chamados Freitas — nenhum deles, outra vez, aparentemente relacionado com o meu carrasco cabeludo da oficina de carpintaria. O meu primeiro adversário era tão novo e tão pequeno que duvidei que andasse sequer na escola. O método do clã Freitas para treinar os seus membros para a batalha, pareceu-me, era encontrar algum desgraçado sem aliados

ou discernimento para evitar o desafio e, depois, mandar o seu combatente mais novo, e com alguma hipótese, para o ringue. Se ele perdesse, o Freitas a seguir entrava. Isto repetia-se até o que não era membro do clã ser derrotado. Era tudo muito frio, e os combates eram organizados e arbitrados por Freitas mais velhos e decorriam de forma mais ou menos justa.

O meu primeiro combate teve uma assistência fraca — verdadeiramente sem interesse para ninguém —, mas ainda assim estava muito assustado, sem ninguém ao meu lado e sem nenhuma ideia de quais eram as regras. O meu adversário revelou-se extraordinariamente forte para o tamanho que tinha, e feroz, mas os seus braços eram demasiados curtos para acertar os socos e, eventualmente, acabei por o dominar sem grandes mazelas para qualquer um de nós. O seu primo, que entrou logo a seguir, era mais do meu tamanho e o nosso embate teve outras consequências. Aguentei-me, mas ambos já tínhamos marcas quando um Freitas mais velho interveio e declarou um empate. Teria de haver um desempate, disse ele, e, se eu ganhasse, viria um tipo chamado Tino dar-me uma sova, sem direito a conversa. A equipa Freitas partiu. Lembro-me de os ver correr, a rir descontraídos, uma feliz milícia militar, ao longo do caminho do cemitério. Doía-me a cara, doíam-me os nós dos dedos, mas estava tonto de alívio. Foi então que reparei num grupo de miúdos *haoles* junto dos arbustos da clareira, que olhavam nervosos. Reconheci-os parcialmente da escola, mas foram-se embora sem dizer uma palavra.

Acho que ganhei a desforra. Depois, Tino veio e deu-me uma sova, sem mais conversa.

Houve mais lutas, incluindo um combate de vários dias com um miúdo chinês da minha aula de agricultura que se recusou a desistir mesmo quando lhe enfiei a cara na terra vermelha do canteiro das alfices. Esta batalha amarga arrastou-se durante uma semana. Recomeçava todas as tardes e nunca havia um vencedor. Os outros rapazes da turma, deliciados com o espetáculo, arranjavam forma de o professor, se porventura aparecesse, não nos apanhar.

Não sei o que pensavam os meus pais. Os cortes e as nódoas negras, até os olhos negros, podiam ter uma explicação. Futebol, *surf*, qualquer coisa. O meu palpite, que, em retrospectiva, me parece correto, era que eles não me podiam ajudar, portanto, não lhes dizia nada.

Um grupo racista veio em meu auxílio. Chamavam-se a eles próprios os In Crowd. Eram *haoles* e, apesar do nome divertido, eram

verdadeiramente maus. O seu líder era um miúdo alegre, dissoluto, rouco e de dentes partidos chamado Mike. Não era fisicamente imponente, mas arrastava-se pela escola de uma forma tão destemida que levava todos os outros a hesitarem, exceto os samoanos maiores. A verdadeira casa de Mike, soubemos depois, era um centro de detenção juvenil algures — e esta coisa de ir à escola era só uma espécie de licença que ele tencionava aproveitar ao máximo. Ele tinha uma irmã mais nova, Edie, que era magra e loura e selvagem, e a casa deles em Kaimuki era a sede dos In Crowd. Na escola reuniam-se debaixo de uma grande árvore da chuva, numa encosta de terra vermelha atrás do *bungalow* por pintar onde eu tinha aulas de dactilografia. A minha iniciação foi informal. Mike e os seus amigos limitaram-se a informar-me de que era bem-vindo se me quisesse juntar a eles debaixo da árvore. E foi dos miúdos do In Crowd, que na verdade pareciam ser mais raparigas do que rapazes, que comecei a aprender, primeiro, as linhas gerais e, depois, as particularidades do esquema racial. Os nossos principais inimigos, fiquei a saber, eram os *mokes* — que pareciam incluir qualquer pessoa escura e violenta.

— Já tens andado à luta com *mokes* — disse-me Mike.

Percebi que era verdade.

Mas a minha carreira de lutador chegou rapidamente ao fim. As pessoas pareciam saber que eu estava no gangue dos *haoles* e decidiram escolher outros miúdos com quem implicar. Até Freitas, da oficina de carpintaria, começou a deixar de se meter tanto comigo. Mas teria ele mesmo largado a sua ripa? Era difícil pensar que ele se preocupasse com os In Crowd.

Discretamente, fui estudando a forma de surfar de alguns dos frequentadores de Cliffs — aqueles que pareciam ler melhor a onda, que encontravam as zonas mais rápidas e que melhor controlavam a prancha nas manobras. A minha primeira impressão confirmou-se: nunca tinha visto tanta fluidez. O movimento das mãos era surpreendentemente sincronizado com os pés; os joelhos estavam mais fletidos do que no *surfa* que estava habituado; as ancas mais soltas. Não havia muito *nose-riding*, que era a moda do momento no continente e implicava dar uma corrida de pequenos passos, sempre que era possível, até à parte da frente da prancha — *hanging five* ou *hanging ten*, desafiando as óbvias leis da física e da flutuação. Não sabia na altura, mas aquilo que estava a ver era a demonstração clássica do estilo das ilhas. Limitei-me a tirar notas

mentais do canal e comecei, sem pensar muito nisso, a surfar menos no *nose*.

Havia alguns rapazes novos, incluindo um miúdo magro, de costas sempre direitas, que parecia ter mais ou menos a minha idade. Ele ficava longe do pico principal, a apanhar ondas mais periféricas, mas esforçava-me para ver o que ele fazia. Mesmo nas ondas mais pequenas que escolhia, era impressionante a sua rapidez e preparação. Era o melhor surfista da minha idade que alguma vez tinha visto. Ele surfava com uma prancha anormalmente pequena, leve e com o *nose* afiado — uma *Wardy* branca bem acabada. Ele apanhou-me a observá-lo e pareceu tão envergonhado como eu. Passou por mim a remar furiosamente, com ar chateado. Tentei não ficar à sua frente depois disso. Mas no dia seguinte acenou-me com o queixo em cumprimento. Desejei que a minha felicidade não tivesse transparecido. Depois, uns dias mais tarde, ele falou.

— Meu, 'tá melhor daquele lado — disse, virando os olhos para oeste enquanto passávamos um *set* pequeno. Era um convite para me juntar a si num dos seus picos obscuros e desertos. Não foi preciso convidar-me uma segunda vez.

Chamava-se Roddy Kaulukukui. Tinha treze anos, tal como eu. «Está tão bronzado que parece negro», escrevi para o meu amigo. Roddy e eu trocávamos ondas de forma algo cautelosa, e depois menos. Eu conseguia apanhar ondas tão bem como ele, o que era importante, e estava a começar a conhecer o *spot*, o que veio a tornar-se uma espécie de projeto partilhado. Sendo os dois rapazes mais novos em Cliffs, estávamos ambos, ainda que de forma semiconscente, à procura de um amigo da mesma idade. Mas Roddy não vinha sozinho. Ele tinha dois irmãos e mais uma espécie de terceiro irmão honorário — um rapaz japonês chamado Ford Takara. O irmão mais velho de Roddy, Glenn, era uma das atrações permanentes. Glenn e Ford estavam lá todos os dias. Eram apenas um ano mais velhos do que nós, mas competiam com qualquer pessoa no pico principal; Glenn, sobretudo, era um surfista soberbo, com um estilo que era já fluido e elegante. Glenn Sênior, o pai deles, também surfava, tal como o irmão mais novo, John, que ainda era demasiado novo para Cliffs.

Roddy começou a explicar-me quem eram alguns dos outros surfistas. O rapaz gordo que aparecia nos dias maiores, arrancando bem lá atrás e surfando de tal maneira que todos nós parávamos de surfar para o ver, era Ben Aipa, disse-me ele. (Anos mais tarde, fotos e histórias de Aipa começaram a encher as páginas das revistas.) O rapaz chinês

que apareceu no maior dia que tinha visto até então em Cliffs — uma ondulação do sul, fora de época, numa tarde nublada e sem vento — era Leslie Wong. Ele tinha um estilo delicado e só se dignava a surfar em Cliffs quando estava excepcionalmente bom. Leslie Wong apanhou e surfou a onda do dia, as costas ligeiramente arqueadas, os braços relaxados, fazendo com que o extremamente difícil — não, vá lá, o *êxtase* — parecesse fácil. Quando eu cresci, queria ser como Leslie Wong. Entre os locais de Cliffs, comecei a perceber quem eram os mais prováveis de desperdiçar uma ondas — ou falhar em a apanhar, ou cair — e depois aprendi tranquilamente a apanhar a onda eu próprio, sem mostrar qualquer desrespeito. Mesmo num *crowd* tranquilo, era importante não dar muito nas vistas.

Glenn Kaulukukui era o meu surfista preferido. Desde o momento em que apanhava a onda e deslizava como um gato para se pôr de pé, não conseguia tirar os olhos da linha que ele desenhava na onda, da velocidade que, de alguma forma, encontrava, e dos improvisos que realizava. Ele tinha uma cabeça enorme, que parecia estar sempre ligeiramente inclinada para trás, o cabelo comprido, vermelho de queimado do sol, também atirado para trás de forma exuberante. Tinha lábios grossos, uma aparência africana, ombros negros e movia-se com uma elegância pouco comum. Mas havia algo mais — chame-se-lhe perspicácia ou ironia — que acompanhava a sua confiança física e beleza, algo agridoce que lhe permitia, exceto nas situações mais exigentes, parecer como se estivesse a atuar intensamente e, ao mesmo tempo, a rir-se baixinho de si próprio.

Ele também se ria de mim, mas não de forma rude. Quando exagerei na saída de uma onda, ao tentar pôr um floreado no fim, e deslizei de forma atabalhoada até ao canal, ficando paralelo à sua prancha, Glenn disse:

— *Geev 'um, Bill. Geev 'um da lights.*

Até eu sabia que aquilo era um cliché *pidgin* — uma exortação muito usada. Era também uma pequena e densa sátira. Ele estava a gozar comigo e a encorajar-me, em simultâneo. Remámos juntos. Quando estávamos quase no *outside*, vimos Ford apanhar uma onda bem atrás do pico e escolher uma linha boa para negociar um par de secções difíceis.

— *Yeah, Fawd* — murmurou Glenn de forma apreciativa. — *Spahk dat.* — Depois começou a tentar chegar primeiro do que eu ao *lineup*.

Uma tarde, Roddy perguntou-me onde é que eu morava. Apontei em direção a este, para a enseada de Black Point. Ele disse a Glenn e a Ford

e depois regressou, meio envergonhado, com um pedido. Poderiam deixar as pranchas em minha casa? Eu fiquei feliz pela companhia na longa remada até casa. A nossa casa tinha um pequeno pátio com uma fileira de bambu, alta e grossa, que o escondia da estrada. Encostámos as pranchas ao bambu e lavámo-nos, já noite, com uma mangueira no quintal. Depois, foram-se embora os três, apenas de calções, ainda a pingar, mas satisfeitos por não terem de carregar as pranchas até Kaimuki.

O racismo no In Crowd era situacionista, não doutrinário. Parecia não ter nenhuma pretensão histórica — ao contrário, digamos, dos *skinheads* que vieram depois, afirmando-se descendentes do nazismo e do Klan. O Havai tinha tido a sua conta de supremacistas brancos, particularmente entre as suas elites, mas o In Crowd não percebia nada de elites. A maioria dos miúdos vivia com dificuldade, em circunstâncias difíceis, apesar de alguns terem sido expulsos de escolas privadas e estarem numa situação complicada. Entre a amostra de estudantes *haoles* da Kaimuki Intermediate, a maior parte era considerada pouco interessante pelo In Crowd. Estes *haoles* sem qualquer filiação pareciam ser, na sua maioria, filhos de militares. Pareciam todos desorientados, assustados. Os dois rapazes que me tinham visto a lutar com os Freitas, sem se oferecerem para ajudar, estavam entre eles. E também um tipo tremendamente alto, silencioso e amigável a quem as pessoas chamavam Lurch.

Havia outros *haoles* que, percebi mais tarde, eram demasiado inteligentes para se envolverem no disparate dos gangues. Estes miúdos, a maioria deles surfistas do lado de Waikiki de Diamond Head, sabiam ser discretos quando estavam em minoria. Também sabiam reconhecer um falhado quando o viam. E tinham, se fosse preciso, uma rede de assistência mútua capaz de os apoiar. Mas eu estava demasiado perdido naqueles primeiros meses para perceber que eles existiam.

Ser um adolescente popular era, como sempre, sobretudo um mistério, mas a força física (leia-se: puberdade precoce), a autoconfiança (pontos extras por desafiar adultos) e o bom gosto em música e roupas contavam. Não via como podia qualificar-me em nenhuma categoria. Não era grande — na verdade, a puberdade parecia, para minha vergonha, evitar-me. Não percebia muito de música nem de moda. E seguramente não era mau — nunca tinha estado na prisão. Mas admirava a coragem dos miúdos do In Crowd e não estava nada inclinado a questionar quem me protegia.

Pensava que a principal atividade do In Crowd era a luta de gangues e, seguramente, havia sempre conversas sobre batalhas iminentes com vários grupos rivais de *mokes*. Mas Mike acabava sempre por orientar uma missão de paz num encontro de última hora, em que se evitava o derramamento de sangue à custa de uma meticulosa e habilidosa diplomacia. As tréguas eram solenemente assinaladas com o consumo de álcool por menores de idade. A maior parte da energia do grupo ia para mexericos, festas, pequenos furtos e vandalismo, e para comportamentos repugnantes no autocarro depois da escola. Havia várias raparigas bonitas no In Crowd, e eu estava seriamente apaixonado por todas elas. Ninguém surfava no gangue.

Afinal, Roddy e Glenn Kaulukukui e Ford Tanaka andavam todos na Kaimuki Intermediate. Mas eu não me dava com eles. O que era um feito, porque passávamos quase todas as tardes e todos os fins de semana juntos na água, e Roddy tornou-se rapidamente no meu melhor amigo. Os Kaulukukuis viviam em Fort Ruger, na encosta norte da cratera de Diamond Head, perto do cemitério que delimitava a nossa escola. Glenn Sênior estava no Exército, e o apartamento deles era um velho barracão militar escondido por uma árvore de *kiawe* por baixo da Diamond Head Road. Roddy e Glenn tinham vivido na ilha do Havai, a que todos chamavam Big Island. Tinham família lá. Agora, tinham uma madrasta coreana, e ela e Roddy não se davam bem.

De castigo no quartel depois de uma discussão com a madrasta, ele despejava a sua tristeza em suspiros angustiados na abafada sala que partilhava com Glenn e John.

Eu julgava que sabia qualquer coisa sobre a miséria: por solidariedade, não tinha ido surfar naquela tarde. Não havia sequer uma revista de *surf* para folhear enquanto fazia esgares por simpatia.

— Porque é que ele teve de casar com *ela*? — lamentou Roddy.

De vez em quando, Glenn Sênior vinha surfar connosco. Ele era uma personagem formidável, muito musculado, severo. Dava ordens aos filhos, sem se importar com delicadezas. No entanto, na água, parecia ficar mais tranquilo. Às vezes, até se ria. Ele surfava com uma prancha enorme e fazia-o de uma forma simples, com um estilo antigo, desenhando longas linhas, perfeitamente equilibrado, nas longas paredes de Cliffs. No seu tempo, contaram-me os filhos, orgulhosos, ele tinha surfado Waimea Bay.

Waimea ficava no North Shore. Era considerado o pico de ondas grandes mais pesado do mundo. Eu conheci-o apenas como um lugar mítico — um palco preparado, na verdade, para os atos heroicos de um grupo pequeno de estrelas do *surf*, sempre em voga nas revistas. Roddy e Glenn não falavam muito disso, mas, para eles, Waimea era obviamente um lugar real, claramente um assunto muito sério. Só surfavas lá quando estavas pronto. A maioria dos surfistas, claro, nunca chegavam a estar prontos. Mas, para miúdos havaianos como eles, Waimea, tal como os outros grandes picos do North Shore, eram algo que estava no futuro, cada um deles um ponto de interrogação, uma espécie de exame final.

Eu sempre partira do princípio de que só os surfistas famosos surfavam Waimea. Mas agora percebia que muitos dos pais locais também lá surfavam, e dentro de algum tempo, talvez, também os seus filhos o fizessem. Estas pessoas nunca apareciam nas revistas do continente. E havia muitas famílias como os Kaulukukis no Havai — famílias com gerações de surfistas, *ohanas* ricas em talento e tradição, apenas conhecidas umas das outras.

Assim que o vi pela primeira vez, Glenn Sénior fez-me lembrar o velho monarca de um livro que adorava, *Umi: The Hawaiian Boy Who Became a King*. Era um livro de crianças, que tinha sido dado ao meu pai, de acordo com uma dedicatória que já mal se lia, por duas tias que o tinham comprado em Honolulu em 1939. O autor, Robert Lee Eskridge, também tinha feito as ilustrações, que eu achava magníficas. Eram simples, mas intensas, como se fossem coloridas inscrições em madeira. Mostravam Umi e os seus irmãos mais novos e as suas aventuras no velho Havai: navegavam pelas encostas abaixo em videiras («*From vine to vine the boys slid with lightning speed*»); mergulhavam em piscinas formadas por tubos de lava, atravessavam o mar em canoas de guerra («*Slaves shall accompany Umi to his father's place in Waipio*»). Algumas das ilustrações mostravam homens adultos, guardas e guerreiros e cortesãos, cujos rostos me assustavam — com a sua crueldade estilizada, num mundo impiedoso de chefes todo-poderosos e plebeus aterrorizados. Pelo menos, as feições de Liloa, o rei e o pai secreto de Umi, eram por vezes amenizadas pelo orgulho e sabedoria paternais.

Roddy acreditava em Pele, a deusa havaiana do fogo. As pessoas diziam que ela vivia na Big Island, onde fazia com que os vulcões entrassem em erupção quando não estava satisfeita. Tinha fama de ser ciumenta e violenta, e os Havaianos tentavam apaziguá-la com ofertas de porcos, peixes e bebidas. Ela era tão famosa que até os turistas

a conheciam, mas Roddy deixou bem claro, quando me confessou a sua fé nela, que não estava a falar do lado *kitsch* da deusa. Ele falava de um mundo religioso completo, algo que antecedia a chegada dos *haoles* — um elaborado mundo havaiano com regras e tabus e segredos, conhecimentos duramente adquiridos sobre a terra, o mar, os pássaros, os peixes, os animais e os deuses. Eu levava-o a sério. Eu já sabia, de um modo muito geral, o que tinha acontecido aos Havaianos — como os missionários americanos e outros *haoles* os tinham subjogado, depois roubado as suas terras, como os tinham matado em série com doenças, e depois convertido os sobreviventes ao cristianismo. Não sentia responsabilidade por esta cruel usurpação, nenhuma culpa liberal, mas sabia o suficiente para manter a minha jovem boca de ateu calada.

Começámos a surfar novos picos juntos. Roddy não tinha medo do coral como eu tinha e mostrou-me os picos que rebentavam nos recifes entre a minha casa e Cliffs. A maioria só era possível surfar com maré-cheia, mas alguns eram verdadeiros mistérios, preciosidades em recife exposto — encantadoras ondas escondidas à vista de todos, especialmente à prova de vento. Estas ondas, explicou-me Roddy, eram normalmente batizadas com o nome das famílias que viviam, ou tinham vivido, mesmo em frente a elas — Patterson, Mahoney. Havia também um pico de ondas grandes, conhecido como a Bomba, que quebrava no *outside* de Patterson. Glenn e Ford já lá tinham surfado uma ou duas vezes; Roddy não. Eu já tinha visto ondas a levantar (com as cristas a lançarem salpicos quando a ondulação crescia) nesse pico nos dias maiores na maré vazia, mas nunca as tinha visto suficientemente grandes para rebentarem. Roddy falava da Bomba com uma voz sussurrada, contida. Ele estava obviamente a preparar-se para ela.

— Este verão — disse ele. — Primeiro dia grande.

Até lá, tínhamos Kaikoos. Era um pico de água profunda perto de Black Point, visível do fundo da nossa rua. O posicionamento era difícil, e estava sempre maior do que o que parecia, e eu achava isso assustador. Roddy levou-me até lá na primeira vez, remando através de um profundo canal de águas agitadas que, disse-me ele, tinha sido aberto por Doris Duke, a herdeira do tabaco, para dar passagem até a um porto privado de iates que ainda existia no penhasco por baixo da casa dela. Ele apontou para a costa, mas eu estava demasiado assustado com as ondas à minha frente para reparar na casa da Doris Duke.

Ondas grossas e azul-escuras pareciam saltar do fundo do mar, algumas delas assustadoramente grandes. As esquerdas eram curtas e fáceis,

nada mais do que uns *drops* grandes, mas Roddy disse que as direitas eram melhores e remou mais para este, cada vez mais atrás no pico. A sua temeridade parecia-me loucura. As direitas assemelhavam-se a *closeouts* (impossíveis de surfar) e eram tremendamente poderosas, e, mesmo que alguém conseguisse apanhar uma onda, acabaria por ir de encontro às enormes e esfomeadas rochas de Black Point. Se perdesse a tua prancha ali, nunca mais a vias. E depois, para onde é que podias nadar? Eu andei por ali, a evitar ondas, muito longe, meio histérico, e a tentar nunca perder Roddy de vista. Ele parecia estar a apanhar ondas, embora fosse difícil saber ao certo. Por fim, ele remou até junto de mim, com ar extasiado e a sorrir com a minha agitação. No entanto, teve pena de mim e não disse nada.

Mais tarde, acabei por aprender a gostar — e não a amar — as direitas de Kaikoos. O pico estava quase sempre vazio, mas havia um pequeno grupo de rapazes que sabia surfá-lo e, ao vê-los nos dias melhores a partir das rochas de Black Point, comecei a perceber a forma do recife e, com alguma sorte, como evitar uma catástrofe. Ainda assim, para o meu nível, era um *spot* pesado e complicado, e, quando me gabava, nas cartas para o meu amigo em Los Angeles, de surfar este pico assustador de águas profundas, não me coibia de descrever como eu e Roddy éramos arrastados por enormes correntes até meio caminho de Koko Head, que era a milhas dali. A minha descrição minuciosa de atravessar um enorme tubo — a caverna formada pela onda a rebentar — nas direitas de Kaikoos continha, por outro lado, um pouco de verdade. Ainda me lembro mais ou menos dessa onda.

Mas o surf sempre teve esse horizonte, essa linha de medo que o tornava diferente das outras coisas, seguramente dos outros desportos que conhecia. Podias praticar *surf* com os teus amigos, mas, quando as ondas cresciam, ou te vias em apuros, parecia nunca haver ninguém por perto.

Tudo lá fora parecia perturbadoramente interligado com tudo o resto. As ondas eram a arena, o terreno de jogo. Eram o objetivo. Eram o objeto dos nossos desejos mais profundos e de admiração. Ao mesmo tempo, eram o adversário, a nossa némesis, até mesmo o nosso inimigo mortal. O *surf* era o refúgio, o lugar feliz onde nos podíamos esconder, mas era também um local selvagem e hostil — um mundo dinâmico e indiferente. Aos treze anos, eu tinha quase deixado de acreditar em Deus por completo, mas isso era um desenvolvimento recente e tinha

deixado um vazio no meu mundo, um sentimento de que tinha sido abandonado. O oceano era como um Deus que não se preocupava comigo, infinitamente perigoso e com um poder para lá de qualquer medida.

E, no entanto, mesmo para um miúdo, era suposto que o tentasses medir todos os dias. Esperava-se — e isto era essencial, era uma questão de sobrevivência — que conhecesses os teus limites, quer físicos quer emocionais. Mas como podias conhecer os teus limites se não os testasses? E se falhasses no teste? Também se pressupunha que te mantivesse calmo se as coisas corresse mal. O pânico era o primeiro passo, todos diziam, para te afogares. Sendo um miúdo, também se partia do princípio de que as tuas capacidades estivessem em desenvolvimento. O que era impensável num ano tornava-se pensável, possivelmente, no seguinte. As minhas cartas de Honolulu, em 1966, que me foram amavelmente devolvidas há pouco tempo, distinguem-se menos pela gabarolice de treta do que pela franca discussão do medo. «Não penses que me tornei corajoso de um momento para o outro. Não tornei.» Mas as fronteiras do pensável estavam, lentamente, a recuar para mim.

Isso tornou-se claro no primeiro dia grande que vi em Cliffs. Uma ondulação com período longo tinha chegado durante a noite. Os *sets* (as ondas maiores, que normalmente vêm em grupo) estavam claramente muito acima da cabeça⁴, lisas e cinzentas, com paredes longas e secções poderosas. Eu estava tão excitado por ver a excelência das ondas que o posicionamento do meu quintal conseguia apresentar que esqueci a minha habitual timidez e comecei a surfar com o resto do *crowd* no pico principal. Eu estava em desvantagem, e assustado, e fui amassado pelos *sets* maiores. Não tinha força suficiente para me agarrar à prancha quando levava com ondas de dois metros no *inside*, mesmo quando «virava à tartaruga» — virar a prancha ao contrário, puxar o *nose* para baixo de água, com as pernas à volta da prancha e agarrado aos *rails* com as mãos. A espuma arrancou a prancha das minhas mãos, depois, arrastou-me e manteve-me no fundo para longas sessões de pancada. Passei a maior parte da tarde a nadar. Ainda assim, fiquei lá até ao anoitecer. Até consegui apanhar e fazer algumas ondas pesadas. E nesse dia vi *surf* — por Leslie Wong, entre outros — que me fez doer o peito, longos momentos de graça sob pressão que se entranharam no meu ser: era

⁴ *Overhead*, no original, é uma escala informal que inclui também *shoulderhigh*, *chesthigh*, *kneehigh*. [N. do T.]

ÍNDICE

UM

AO LARGO DE DIAMOND HEAD

Honolulu, 1966–1967 13

DOIS

CHEIRAR O OCEANO

Califórnia, circa 1956–1965 69

TRÊS

O CHOQUE DO NOVO

Califórnia, 1968 95

QUATRO

PERDOA-ME ENQUANTO BEIJO O CÉU

Maui, 1971 113

CINCO

A BUSCA

Pacífico Sul, 1978 153

SEIS

O PAÍS DA SORTE

Austrália, 1978–1979 213

SETE

ESCOLHER *ETHIOPIA*

Ásia, África, 1979–1981 241

OITO

CONTRA A ERRÂNCIA

São Francisco, 1983–1986 279

NOVE

BAIXO PROFUNDO

Madeira, 1994–2003 351

DEZ

AS MONTANHAS CAEM NO CORAÇÃO DO MAR

Cidade de Nova Iorque, 2002–2015 405